

AS ÁGUAS E OS RIBEIRINHOS – BEIRANDO SUA CULTURA E MARGEANDO SEUS SABERES

Eliana Campos **POJO**¹

Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA

elianapojo@ufpa.br

Lina Gláucia Dantas **ELIAS**²

Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA

lina@ufpa.br

Maria de Nazaré **VILHENA**³

SEDUC

navilhena2@yahoo.com.br

Resumo: *Este texto é uma reflexão sobre os ‘saberes das águas’ a partir do cotidiano e movimento dos ribeirinhos na dinâmica da Amazônia paraense. Resumidamente trata-se de elucidar os saberes das águas pelas representações dos moradores, seus modos de viver e estar no espaço-tempo dos rios, furos, igarapés e florestas, buscando contribuir para as discussões sobre a Educação Básica do campo no sentido de compreender como esses saberes se inserem na dinâmica educacional de forma a valorizar o desenvolvimento do ‘campo’ a partir das necessidades dos sujeitos ribeirinhos.*

Palavras-chave: *Povos ribeirinhos. Águas. Culturas.*

Abstract: *This text is a reflection on the ‘knowledge of the waters’ from the daily life and movement of riverine dynamics of Pará in the Amazon. Briefly it is to elucidate the knowledge of the waters by the representations of the residents, their ways of living and being in space-time of rivers, boreholes, streams and forests, seeking to contribute to discussions on the Basic Education of the field in order to understand how these knowledges are included in educational dynamic in order to enhance the development of the ‘field’ from the needs of coastal subjects.*

Keywords: *Coastal peoples. Waters. Cultures.*

¹ Docente da FAECS, Campus de Abaetetuba. Doutoranda de Ciências Sociais do IFCH/UNICAMP.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará. Docente da FAECS, Campus de Abaetetuba.

³ Professora da rede estadual de educação.

Introdução

Este escrito é oriundo das incursões ao ‘campo’ por meio da pesquisa *Travessias, Identidades e Saberes das Águas – cartografia de saberes de populações ribeirinhas no município de Abaetetuba* desenvolvido pelo grupo de pesquisa GEPSEED⁴ desde 2012, que busca enfatizar em suas discussões a realidade amazônica, especificamente tratando sobre as populações tradicionais ribeirinhas, numa travessia pelas águas, rios e florestas componentes do cenário amazônico das, aproximadamente, setenta e duas (72) ilhas nesse município.

É nesta geografia que a pesquisa se desenvolve, no contorno de três escolas públicas: Escola Municipal Felipe Campelo, no rio Piquiarana; Escola Municipal Santo André, no rio Baixo-Itacuruçá e a Escola São João Bosco, no rio Arapapuzinho. Aliás, em se tratando desse pedaço da Amazônia não é excesso dizer que todo o movimento populacional e econômico é realizado pelos rios, tão fortes na vida da comunidade que é pelo nome deles que a escola e a comunidade são identificadas, ou seja, os nomes pelos quais a comunidade se orienta, se identifica, se conhece e reconhece é pelo nome do rio.

Neste escrito o propósito é elucidar os *saberes das águas* pelas representações dos moradores ribeirinhos, pelos seus modos de viver e estar no espaço-tempo dos rios, furos, igarapés e florestas, vida esta tangenciada por uma travessia socio-histórica e ‘amazoniágua’, ou seja, relacionando-a com as questões atuais e dos próprios sujeitos ribeirinhos e tomando o cuidado de não anular suas expressões materiais e simbólicas, perspectivando apreender saberes que possam dialogar com uma ‘nova/outra’ forma de pensar a escola ribeirinha e sua dinâmica cotidiana rural, ainda que necessitando de maiores aprofundamentos teóricos para melhor compreendê-la.

O povo ribeirinho, dessas comunidades especificamente, possui um modo de vida atrelado à natureza e aos recursos naturais

⁴ O Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão Sociedade, Estado e Educação: ênfase nos governos municipais e educação do campo – GEPSEED.

e conhece, por experiência, os desafios encontrados e enfrentados na realidade social e cotidiana onde vivem. As intempéries da natureza não as amedrontam, muito pelo contrário, há respeito, não medo. A falta de água potável também não as impedem de fazer as tarefas domésticas e a higiene pessoal, mas questiona e luta por este direito. Geralmente moram em casa de madeira e vivem da pesca, da caça, do extrativismo de produtos florestais, do cultivo do açaí, da fabricação e venda de rabetas⁵, da produção de carvão, do plantio, da feitura da farinha e do trabalho nas olarias.

1 O simbolismo das águas: incursões teóricas e representações dos ribeirinhos

Foi o envolvimento com o lugar, com os sujeitos nas travessias pelas águas dos rios Pará, Tocantins e Maratauíra entre outros rios, observando os saberes e fazeres da comunidade ribeirinha que nos possibilitou compreender melhor os modos de vida na Amazônia paraense com a intenção de adentrar nos 'jeitos' de ser e está sujeito amazônida, captando a interpretação dos saberes e das identidades dos ribeirinhos neste pedaço da Amazônia que se faz na diferença e no diverso.

A Amazônia é interpretada a partir de diferentes olhares e dimensões de acordo com o tempo histórico, o enfoque legal e teórico, interesse político, econômico, social entre outros aspectos, porém, todos esses olhares situam o caráter de sua importância para a vida humana e das outras espécies. Para os habitantes da beira dos rios, recorte deste escrito, a Amazônia se apresenta de forma própria e somente um 'olhar sensível e observante' sobre as práticas sociais

⁵ Rabetas são pequenas embarcações motorizadas que podem ser cobertas (com toldo) ou descobertas, normalmente de pequeno porte. Tais embarcações funcionam como um transporte "táxi nos rios", pois é veloz e acessível para o transporte de pequenas cargas e passageiros, fazendo o percurso das comunidades das ilhas até a *urbis* do município.

nela existentes poderá situá-la de forma concreta e fora de visões generalistas e exóticas a que muitas vezes é submetida.

Na Amazônia paraense convive-se com costumes e uma rotina margeada pelas águas dos rios, furos, igarapés, florestas, várzeas, baías, com as ilhas e suas praias, com os campos alagados, contextos que apresentam especificidades ambientais e sociais. A exemplo, a imagem abaixo mostra a intimidade do homem com a natureza: em pé, na pequena canoa, não desafia a natureza, é integrante dela; o vento e a forte maresia não o assustam, há equilíbrio, pura imagem amazônica paraense.

Figura 01: Rio Guamá - Belém/PA.



Fonte: Eliana Pojo

Na Amazônia, os rios são mares por sua extensão. O rio-mar⁶ descrito escapa à racionalidade geográfica. As pessoas que o margeiam assim também o denominam, pela sua magia, pela sua

⁶ Trazemos uma ideia que caracteriza o rio para além da geografia, a qual admite uma dualidade entre rio e mar. Cultivo uma concepção de mar que é rio e de rio que é mar. Se vivencia em plena Amazônia a existência de um rio-mar que não é metafórico, é literal, ou seja, não existe do mar ou do rio, porque o rio é mar. Por isso, rio-mar, termo que utilizaremos neste escrito.

temporalidade. Essa natureza biológica e os modos próprios de habitar nessa Amazônia integram um ecossistema estuarino considerado como áreas prioritárias para conservação da biodiversidade na região costeira - região norte, colocada na categoria de área de “extrema importância biológica”. (MMA, 2002, p. 14)

Como dito anteriormente, buscaremos focalizar neste escrito os ‘saberes das águas’ e os ribeirinhos, aqui do ponto de vista das relações sociais⁷, ou seja, problematizando as questões socioculturais do cotidiano ribeirinho pela dinamicidade das águas que perpassa os contextos e situações reais. Em outras palavras, o esforço é situar o território⁸ social dos ribeirinhos a partir das águas e de seus modos de vida, incluindo o imaginário advindo ‘das águas’ que, sem preocupação com o científico, se confunde com o real.

Sobre o tema recorreremos a vários autores pontuando os diversos sentidos e a complexidade que envolve os ‘saberes das águas’, especialmente a obra *A imagem das águas*, organizada pelo estudioso Antônio Carlos Diegues, além de outros aspectos teóricos não menos importantes e, as várias observações/incursões ao ‘campo’ durante a travessia da pesquisa que vem sendo desenvolvida junto aos ribeirinhos, no seu cotidiano e suas relações com as águas.

Uma referência importante apontada por Diegues (2000b) é a imbricação existente entre águas, rios e mares representativos de práticas sociais e simbólicas de comunidades pescadoras, o

⁷Trato das relações sociais no sentido dos rios que geram sobrevivência aos habitantes das ‘ilhargas’ e das ‘margens’, dos *saberes das águas* que foram e são produzidos pelos ribeirinhos que convivem diariamente com às águas e suas interfaces com a dinâmica social, cultural, simbólica, identitária e econômica.

⁸Aqui compreendido “como uma dimensão social construída pelos grupos sociais, de mediações espaciais (escola, igreja, plantação, transporte, etc.) que proporcionem o efetivo poder material e simbólico desses grupos. Tais comunidades ficam localizadas em ilhas que estão situadas pelos rios Arapapu, Aparapuzinho e Itacuruçá. Assim, territorializa-se integrando as dimensões ecológicas, econômicas, políticas e culturais de forma diferenciada, conforme sua identidade sociocultural e o tipo de relação que essa identidade assume com a natureza, em determinado momento histórico”. (OLIVEIRA & HAGE, 2011, p. 143)

que vale dizer que são comunidades ribeirinhas que não atuam necessariamente com a pesca, num diálogo de sobrevivência e vida com esses elementos. Ressalta-se que nesses lugares/contextos as comunidades participam da simbologia universal da água, mas há distinções de diversas ordens, a exemplo, na mitologia a água doce assume característica feminina, enquanto o mar tem característica masculina.

Os estudos de Cunha (2000, p. 15) nesta mesma obra, indicam que:

prenhe de significados, a água é um elemento da vida que a encompassa e a evoca sob múltiplos aspectos, materiais e imaginários. Se, por um lado, é condição básica e vital para a reprodução, dependendo dela o organismo humano, por outro, a água se inscreve no domínio do simbólico, enfeixando várias imagens e significados.

Para os ribeirinhos, foco desta pesquisa, isso se manifesta no respeito e no saber lidar com o rio-mar; pela disposição em navegar dia a dia entre furos, igarapés e rios; por possuir conhecimento sobre a ‘essência viva’ das marés vazantes, cheias, de lance, de quebra; por saberem, com precisão, o tempo das águas para navegar com as embarcações, por saberem das fases da lua e sua relação com o rio-mar, confirmando que os *saberes das águas*, digno de muita reflexão e admiração, são construídos pelos sujeitos que interagem cotidianamente com essas águas.

Novamente amparado no estudo de Cunha (2000, p. 18-24), a água “é o lugar de passagem ou travessia, é o ponto de navegação, de deslocamento de um continente ao outro”, digo de um rio a outro e entre furos, “de contato corpóreo quando se toca nas águas, mergulha-se em sonhos, purifica-se o corpo e a alma”, ou simplesmente se vive o lazer. Ainda, para esta autora, a água constitui-se um símbolo cheio de significados, ambivalências ou contraposições, pois representa o sublime, a magia, a paz, a tranquilidade, a liberdade, a beleza, a vida, mas também, a destruição, a dificuldade, o sacrifício, a realidade,

a morte, demonstrando que a água está “repleta de elementos imagéticos, revestindo-se de significações em diversos contextos culturais – é, ao mesmo tempo, substância (matéria) e símbolo (imagem)”.

Reafirmamos com base nos autores acima citados, que o percurso e o movimento das águas marcam e demarcam as relações sociais nas dimensões econômica, política e cultural neste contexto inequivocamente rural/ilhas. Nesse sentido, as políticas públicas de saúde, de lazer, de educação, entre outras, passa necessariamente pela relação intrínseca com o movimento das águas porque, de algum modo, o rio-mar é o sinalizador da vida, como bem diz o poeta paraense Benilton Cruz quando afirma que *o rio procura o homem e o homem procura o rio*.

Esse legado social e histórico desses sujeitos remonta “à fase pré-histórica de ocupação da Amazônia, cuja cultura dos povos primeiros perpassou séculos, deixando um legado sociocultural para as populações contemporâneas em termos de manejo ambiental, hábitos alimentares, relação entre mundo terrestre e mundo aquático e um *modus vivendi* particular”. Mesmo que pouco beneficiada pelas políticas públicas, orgulha pelo pertencimento. (UFPA, 2004, p. 30).

2 Águas, ilhas e os rios de Abaetetuba

As ilhas deste município são muitas, algumas habitadas e outras não. Na pesquisa estamos localizados em comunidades ribeirinhas e quilombolas que perpassam os rios Abaeté, Maratauíra, Arapapu, Piquiarana, Genipauba, Acaraqui, Itacuruçá, Ipanema e próximo ao furo do Gaita, que nos levam ao encontro com saberes e identidades dos ribeirinhos. A cidade desse município constitui-se numa cidade movimentada pelo trânsito intenso de embarcações na via fluvial e de motos, carros e bicicletas na via terrestre e, ainda, pelo entreposto das pessoas dos municípios vizinhos.

Localiza-se na mesorregião do nordeste paraense e na microrregião de Cametá, situado pelo estuário dos rios Pará e Tocantins, rios esses que formam a baía de Marapatá, na zona tocantina. Sua área é cercada de ilhas, constituída por uma população de aproximadamente 142 mil habitantes, sendo que 45 mil de seus habitantes vivem na região das ilhas. (CPT & MORIVA, 2009, p. 42)

Segundo Diegues (1998), o sujeito ribeirinho assume seu cotidiano, seu espaço de vida nas ilhas, situando-a enquanto *território* por constituir esse espaço com identidades e valores. Enfatiza o conceito de *ilheidade*, como sendo a apropriação, por parte do ilhéu, de sua identidade local. Nesses termos, o autor diz ser a “tomada de consciência de um modo de vida particular, diferente das populações continentais e está associada a um conjunto de representações e imagens que os ilhéus formam a respeito de seu espaço geográfico-cultural oriundo de sua insularidade” (p. 14).

Das observações do cotidiano dos ribeirinhos quanto as relações estabelecidas entre estes e as águas, é evidente que os rios são territórios (lugares, espaços e tempos) habitados e em constante movimento demarcados pelos significantes e significados dados a eles por seus habitantes. Assim, conforme documento dados do lugar (CPT, 2006, p. 25) alguns moradores se definem:



Esse significado dado ao viver às margens dos rios está fundado nos saberes e fazeres do viver ribeirinho nessas comunidades, demonstrando o atravessamento da vida humana pelas águas dos rios de Abaetetuba, pois é o fluxo e o tempo-espaço das águas que dirigem a vida ribeirinha, especialmente pelas dimensões que passamos a descrevê-las.

A água e a urbis

Figura 02: Beira/Trapiche de Abaetetuba.



Fonte: Projeto Travessias/GEPSEED/UFPA



Dos que estão do lado de cá (às margens do rio-mar) ir até a cidade é comum, como nesta fala de uma das moradoras do rio Arapapuzinho: “para ir pra cidade quando a água tá bonita nós desce aqui!”. Assim, à beira e nos rios transparecem o desenho movimentado do trânsito de embarcações em direção as mais variadas localidades, incluindo a *urbis* de Abaetetuba, conforme podemos observar nas imagens que mostram moradores e estudantes vindo para a cidade e de marreteiros⁹ indo para as comunidades ribeirinhas comprar peixe para a revenda numa travessia costumeira.

⁹ Moradores (normalmente homens) de Abaetetuba que comercializam os produtos da agricultura (área rural) e do comércio (parte urbana) no cotidiano do ir e vir entre os rios e a cidade.

Figura 03: A travessia do ir e vir nos rios de Abaetetuba por estudantes, moradores e marreteiros.



Fonte: Projeto Travessias/GEPSEED/UFPA



Esse atravessamento das pessoas pelas águas dos rios situa o movimento social, econômico e cultural entre duas dimensões de um mesmo território: a ruralidade advinda das ilhas e a cidade urbana. Tais dimensões se entrelaçam por necessidades sociais que passam a historicizar valores e modos de existir por meio de costumes como acordar cedo para ir à beira, o vocabulário próprio e peculiar, a venda de produtos (açai, pupunha, camarão e outros), a compra de mercadorias que não têm nas localidades, conversar sentados nas pontes, fazer um chá para curar a doença do vizinho, benzer o quebranto da criança. Representações simbólicas e valorativas que dão identidade de povo, de modo particular e de comunidade, nos desafiando a:

entender as novas dinâmicas urbanas que emergem na Amazônia. As estruturas de municípios ou localidades alteram-se com movimentos de fragmentação sócioterritoriais, mas ao mesmo tempo incorporam demandas de serviços tradicionalmente urbanas, embora se mantendo estruturas agrárias e modos de trabalho e de vida. O campo do urbano complexifica-se, mas com particularidades que dizem respeito também ao território marcado pela presença da floresta, das águas e de seus recursos naturais. (UFPA, 2004, p. 35)

A ruralidade dos ribeirinhos movimenta a *urbis* e a *urbis* se oxigena da ruralidade, ambas produzem-se mutuamente. De outro modo, o rural está imbricado com a *urbis* e vice-versa, constituindo uma simbiose no existir cultural da cidade.

A água e o trabalho


Figura 04: Pescadores às margens do rio Maratauíra/Abaetetuba.



Fonte: Projeto Travessias/GEPSEED/UFPA

Pela fala dos moradores dessas comunidades, de profunda riqueza semântica, é possível visualizar as diferentes formas de trabalho desenvolvidas pela comunidade, identificadas por um vocabulário próprio que denomina elementos ou objetos ali encontrados como *peconha*, *rasa*, *matapi* e ações como *debulhar*, *lancear*, *gapuiar* entre outros termos, materializando seus fazeres junto à natureza por meio da terra, da floresta, às margens dos rios e nas águas.

Também nessas comunidades trabalho e alimentação estão interligados. Agir no trabalho é, em muitos casos, a retirada do alimento para sustento da família, especialmente quando se trata do trabalho n'água; comercializar os produtos no centro da cidade ou na própria comunidade pelos famosos marreteiros; vender e comprar os produtos para sua subsistência e da família. Os depoimentos, a seguir, elucidam a afirmativa:



De primeiro quando tinha o camarão, né - que agora tem, mas não é todo o tempo como era. Antes o cara pulava, ia e pegava avortado peixe e camarão. Aí botava matapi, lanceava. Tinha vez que ele ia lancear aí pra baixo que dava, ele tirava pra comer e vendia. (Sr. Vênâncio, 2012)

Olha, o açaí a gente não pega, porque ele é planta nativa, né. Quando pega ele já crescido a gente faz o remanejo dele, limpa as árvores. A pessoa apanha e leva pra cidade para vender em Abaetetuba ou então o marreteiro compra no porto por um preço X. Este dinheiro é empregado pra alimentação e quem, por exemplo, têm olaria também pode ter açaizal pra sustentar, né, pode ter as duas coisas. Agora a farinha, o dono do açaizal também pode ter a roça. Ele tem o açaizal na várzea e tem a roça na terra firme, como acontece comigo. Não sou grande produtor de açaí, produzo pouco, só pra alimentação, mas tenho o açaizal e a roça onde produzo a farinha. (Sr. Lucindo, 2013)

O trabalho das e nas comunidades ribeirinhas tem por base a natureza e esta está sensivelmente comprometida pela poluição dos rios e pelas queimadas. As agressões sofridas pela natureza que circundam essas comunidades afetam a sobrevivência local, a exemplo, a escassez de peixes, forçando os moradores a buscarem outras atividades e outros locais para comprar e vender seus produtos.

As imagens abaixo mostram a concreta relação e a importância da natureza, neste escrito especialmente da água, com a atividade laboral da população local. Imagens de um tempo histórico social e econômico presente, sujeito a mudanças, é certo, posto não ser a vida estática, mas que não deve ser prejudicada/alterada pela insensatez sob pena de desequilibrar o movimento próprio da vida ribeirinha.

Figura 05: Colheita do açaí, a pesca e a produção de carvão.



Fonte: Projeto Travessias/GEPSEED/UFPA

A água e a formação da identidade nativa

A ação social (trabalho, lazer, travessia, vizinhança, escola) é marcada pelo relógio natural impresso e expressado pelo movimento dos rios, responsáveis pelo vai e vem das pessoas. A afinidade, a empatia e a interação dos ribeirinhos com o rio-mar começa cedo, com as crianças aprendendo a se equilibrar no trapiche de suas casas, a remar, a brincar dentro da canoa, a tomar banho diário no rio e/ou na chuva, a lidar com a enchente e a vazante das marés, com o friozinho que vem lá do rio entrando pelas frestas das paredes das casas. Os adultos, os jovens e especialmente as crianças têm no encontro com o rio uma dinâmica que constitui sua identidade nativa, presente em qualquer contexto porque marcante.

As imagens expressam bem a imbricação da água na constituição formativa das crianças, no seu saber, no seu lazer, na sua relação com a natureza porque estabelecem, precocemente, uma intimidade com rio-mar.

Figura 06: Crianças brincando no rio Maracapucu/Abaetetuba.



Fonte: Projeto ravessias/GEPSEED/UFPA

Observando o cotidiano das crianças, em certa medida podemos afirmar que “o tempo do rio, o tempo do brincar, o desafio do contato do corpo com a água é que determinam o momento de iniciar ou de terminar a brincadeira, o jogo” (POJO & LOUREIRO, 2011, p. 23). Tais sensações demonstram que as brincadeiras realizadas pelas crianças também traduzem a cultura ribeirinha, pois:

as brincadeiras vividas pelos ribeirinhos se diferenciam das brincadeiras comuns da cidade urbana, principalmente pelo contexto e pelas regras. A floresta e o rio são elementos característicos da cidade ribeirinha, constituindo-se no cenário fundamental para a realização da maiorias das atividades. (POJO & LOUREIRO, 2011, p. 24)

A identidade nativa se constitui no movimento da vida, na experiência dos primeiros banhos no rio, provando as frutas, comendo peixes, camarão, farinha, brincando de ajudar ou ajudando, de fato, os pais nas atividades de trabalho e, assim, a criança aprende a andar, aprende a remar, a se movimentar pelas águas, a conhecer a floresta e sua importância, sua magia, seus encantos e desencantos, tornando-se um ribeirinho, com um olhar que atravessa as águas que conhece muito bem, um pertencimento mútuo e com a curiosidade de conhecer outros rios-mares.

Viver sob o signo das águas

Os modos de viver e suas resistências à sobrevivência os situam enquanto grupo social que demarcam e caracterizam territórios gerados a partir dos saberes enquanto formas alternativas de se relacionar com os ecossistemas e seus recursos, nas aplicações e usos da biodiversidade, ao desenvolverem práticas que são atualizadas pela cultura local do presente. Os ribeirinhos se localizam geograficamente, construindo uma forma própria de lidar com o tempo-espaço das águas e suas miragens quando afirmam: “a gente

foi criado n'água” reafirmando que esse tempo-espaço é mutante, cíclico e da natureza

tirava água da cabeceira desse igarapé. Era água boa pra beber, uma água clara que dava pra fazer tudo: lavar roupa [...]. Você olhava assim quando tivesse tomando banho, quando a maré tivesse carminha (calma), quem vinha de canoa enxergava todo o corpo da gente. (D. Rosalina, 2012)

Eu acho que o rio significa muito pra gente. Nada nele pela montaria (risos). Com a água grande a gente anda, com a água seca, não! Aqui no nosso rio, só com água grande. (D. Rosalina, 2012)

Á água é geradora de vida, é fonte de energia, causadora do bem-estar, ou não. O certo é que sem ela não há vida, e nesse lugar ela está presente em muitas situações do cotidiano. No entanto, há uma advertência a ser feita: no mundo aquático que cerca os ribeirinhos, a água não pode ser utilizada para beber. Está poluída. Situação contraditória, porque:

morando lá no rio, a água potável era clarazinha tava bem pertinho da gente e a gente não tinha essa ideia de vim pra cá. Naquele momento a água era mais pura do que é hoje, pois hoje a gente está sendo obrigado a ir buscar a água da terra firme pra abastecer o consumo. (Sr. Lucindo, 2013)

A falta de água potável é um dos fatos marcantes entre tantas questões que desafiam viver nas ilhas da Amazônia paraense. Mesmo estando cercada por águas (dos rios e das chuvas), a escassez desse recurso ainda é constante. Aqui fazemos um destaque preocupante quanto a falta de água tratada para o consumo dos estudantes nas escolas que ficam nessas áreas. A questão é parte dos estudos de Ravena (2006) onde afirma que a água é recurso vital, portanto, precisa estar sob um marco regulatório de direito coletivo e universal, afirmando que seu manejo seja de bem público, por isso:

a água, não pode ser regulada a partir de princípios utilitaristas que marcam predominantemente a relação entre as nações. Ao contrário, enquanto recurso vital necessita ser inserida no rol de valores universais que devem ser garantidos a partir do compromisso e da coordenação de organismos multilaterais. (p. 102)

Tais ideias expressas pela autora indicam que a falta de água tratada é uma questão de poder, de mando, de política pública e o uso utilitarista desse bem, desprovido do sentido de coletividade e de importância vital para a sobrevivência das pessoas traz consequências desastrosas à qualidade de vida humana e dos demais seres vivos.

Assim, o cotidiano do povo ribeirinho nesse território ilhéu sedimenta uma rica diversidade cultural, numa simbiose em que:

o homem e o rio são os dois mais ativos agentes da Geografia humana da Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional. (TOCANTINS, 1961, p. 251)

Os ribeirinhos substanciam de forma própria uma observação acurada sobre as mudanças do rio-mar e da natureza em geral; dominam a localização geográfica das ilhas; são perceptíveis e sensíveis às mudanças climáticas e sociais que vem ocorrendo no lugar e no mundo; vinculam às águas às situações de assombrações e símbolos que polarizam a vida e a morte, a alegria e a dor, o real e o mágico, sentidos próprios de quem vive aqui.

3 Percepções das travessias

Para nós educadores da educação do campo, fica a questão: e a escola diante desses saberes? É fato que a água é o sinalizador da vida nesse contexto e nos parece que precisa também ser para a escola, pois a tríade terra, água e floresta sedimentam a identidade

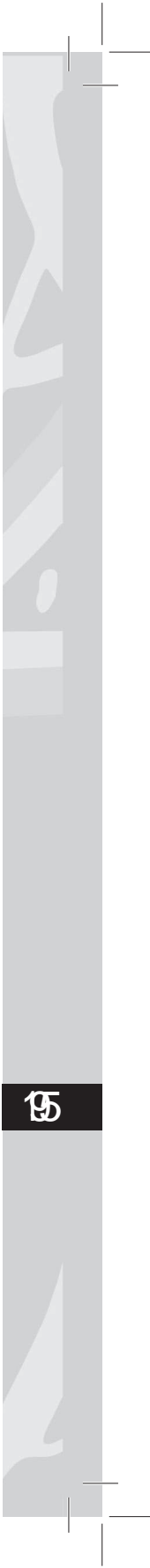
ribeirinha, tão importante para a valorização da cultura amazônica e para a formação dos sujeitos. Tais saberes estão presentes na magia e sedução das lendas com significados próprios, como neste caso contado por um morador em uma de nossas travessias:

Um amigo me falou que na casa dele jogavam pedra, dentro da casa. Ele morava no Itamembuca e ele me disse que tinha noite, que ao amanhecer tava cheio de pedras dentro da casa. Ele mudou de lá, mora no Piquiarana. Conversando pessoalmente ele me contou esse fato. Eu fui na casa dele. Era toda forrada, na chave e entrava pedra não sei por onde! Esse caso foi verdade. Eu posso afirmar porque foi gente de confiança que me contou. (Sr. Lucindo, 2013)

O caráter meramente preservacionista considerado por Diegues (2000c), *o da natureza intocada*, é sucumbido por outro que considera a natureza humana e plural, que confirma a interlocução entre conhecimento científico e saberes dos ribeirinhos, ou seja, a natureza que se faz com a participação qualificada dos sujeitos que se educam mutuamente.

Essa organização cognitiva e sociocultural é conceituada por alguns antropólogos como sendo cultura de floresta tropical, dominante na Amazônia, talvez justificada devido aos ribeirinhos criarem lugares, novos espaços, serem valentes, reconstruírem o cotidiano e, a visão urbana de homens ‘rurais’ pobres e lentos do planeta, é ressignificada pela travessia que fazem no cotidiano com seus modos próprios de significar a existência frente as adversidades sociais em que a relação homem-natureza é o alicerce dessa construção. (UFPA, 2004, p. 30)

A dimensão socioambiental tão propagada no meio educacional ainda se ressent de um olhar imbricado às relações sociais existentes, incluindo uma análise a partir de contextos concretos. No caso específico dos ribeirinhos e seus saberes, na perspectiva de acenar a outra ‘margem’ na construção de políticas públicas voltadas aos territórios do campo visando um processo de desenvolvimento



territorial sustentável pautado na defesa de bens comuns, como a água e a biodiversidade da Amazônia. (HAGE, 2010). Ou seja, os saberes podem servir para situar as problematizações existentes na sociedade, em particular nessas comunidades e que se iniciam com interrogações: qual o 'norte' dessa educação e para que sujeitos? Educar em que 'margem' ou 'margens'? Talvez o 'norte' deságua na urgência social de um viver cidadão para todos, inclusive para os ribeirinhos, e acreditamos que essa 'travessia educativa' não se faz sem a interlocução com as lutas sociais, com a valorização das culturas rurais e com a produção do cotidiano construído pelos ribeirinhos que convivem com a água e com a floresta, na perspectiva da recriação das identidades, do empoderamento com o lugar, com sua gente e, dessa forma, assume-se uma concepção educativa mais ampla e situada historicamente.

Significa educar problematizando as identidades dos sujeitos ribeirinhos na relação com as águas, com a sociodiversidade existente, com a extensão dos rios, com a contradição das escolas estarem sob as águas e não terem água potável, com o transcurso das águas no cotidiano dos moradores ribeirinhos, com a confluência das ilhas e seus rios, com o diverso movimento entre rios, igarapés, furos, mares e marés é de alguma forma, valorizar a identidade cultural dessas populações ribeirinhas. De outro modo, esse reconhecimento cultural é não destruir a simbologia dos sujeitos e atuar pedagogicamente resistindo a ótica urbanocêntrica tão presente no currículo escolar das escolas do campo.

Os saberes ribeirinhos situados em contextos rurais confirmam, ainda, um viver humanizado fazendo frente a essa sociedade demarcada pela visão de homem-objeto em que presenciamos experiências de cooperação entre familiares, interação da vizinhança, convívio com a natureza, sob o qual esses sujeitos mantêm consigo valores, costumes, identidades e culturas singulares. Tais sujeitos e saberes podem orientar a escola formal a reorientar seu currículo e assim, resistir/persistir diante de uma escola fria e descontextualizada, ou seja, os saberes da cultura

ribeirinha podem ser o ponto de partida e de chegada para reflexões sobre as práticas educativas.

De outro modo, a singularidade rural/ribeirinha, expressa na valorização do campo como espaço de vida, cultura e trabalho pode imprimir à escola a aprendizagem coletiva de:

- α) articular diferentes dimensões da vida dos sujeitos do campo na dinâmica formativa dos envolvidos com a escola;
- β) conhecer as histórias da população do campo como importantes para a prática educativa;
- χ) validar os saberes acumulados dos ribeirinhos como mediação diante das diversas áreas de conhecimento;
- δ) envolvimento entre escola e os movimentos sociais existentes, enquanto contribuição relevante para as relações sociais tão engessadas entre escola e comunidade escolar;
- ε) atuar na perspectiva da metodologia da alternância enquanto exercício 'outro' de fazer curricular e este seja agregador das experiências culturais das comunidades do campo, ratificando uma troca interativa entre cultura, saberes e o conhecimento científico.

Consideramos esse escrito uma síntese incompleta e provisória, que muito se tem a percorrer para aprofundar e completar, pois a reflexão acerca dos '*saberes das águas*' e sua problematização engendra diferentes dimensões. As dimensões aqui explicitadas enfatizam o movimento dos saberes construídos pelos ribeirinhos na interface com a prática educativa. Nesta, o cotidiano escolar é atravessado pela maresia das águas marcando entre tantas outras coisas, a distorção que há entre o tempo escolar/tempo das águas. E, esse saber da interação homem-água num cotidiano que se faz e se refaz constantemente são elementos fundamentais para pensarmos outras formas de pedagogia escolar em comunidades ribeirinhas da Amazônia paraense.

As identidades ribeirinhas com seus saberes das águas sinalizam ou ratificam a importância de construir o currículo escolar ancorado pela contextualidade local, ou seja, na mediação com os saberes dos cidadãos e cidadãs ribeirinhos, pois os significados culturais são

tão importantes quanto o acúmulo de conhecimentos socialmente construídos. A produção cultural viva é importante e atual para construção de uma identidade planetária de respeito e valorização do ser humano, numa identidade cultural dos saberes das águas que pode ajudar a reorientar a escola. E se faz urgente querer atravessar, pois “é o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”. (PESSOA, 2013)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. **Lei 9.985 de 18 de julho de 2000 e Decreto 4.340 de 22 de agosto de 2002**. Ministério do Meio Ambiente, 2ª ed. Brasília, 2002.

CUNHA, L. H. de O. Significados múltiplos das águas. IN: DIEGUES, A. C. (Org.) **A imagem das águas**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA - CPT. **Memória e Revitalização Identitária: Ribeirinhos e Ribeirinhas das ilhas de Abaetetuba**. Abaetetuba/PA, 2006.

CRUZ, Benilton. **Semearei o rio**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos>. Acesso em: 05 de maio. 2013.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário**. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec, 2000a.

_____. **A imagem das águas**. São Paulo: HUCITEC, 2000b.

_____. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2000c.

HAGE, S. & OLIVEIRA, Lorena Maria Mourão de. **Cartografia sócio-territorial da Amazônia paraense e suas implicações para as políticas de educação do campo**. 2010. (digitalizado).

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE/MMA. **Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros**. Brasília: MMA/SBF, 2002.

OLIVEIRA, Lorena Maria Mourão de; HAGE, Salomão Antonio Mufarrej. **A socioterritorialidade da Amazônia e as políticas de educação do campo**. Revista Ver a Educação, Belém, v. 12, n. 1, p. 103-122, jan./jun. 2011.

POJO, Edson; LOUREIRO, João Paulo. **Lazer na ilha do Combu....** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação – UFPA: Belém, 2011.

PESSOA, F. **Travessias**. Disponível em: http://pensador.uol.com.br/autor/fernando_pessoa. Acesso em: 20 de maio. 2013.

RAVENA, N. **A polissemia na definição do acesso à água: qual conceito?** In: CASTRO, E. (Org.) Belém de águas e ilhas. Belém: CEJUP, 2006.

SILVA, G. O. de. **Água, Vida e Pensamento: um estudo de cosmovisão entre trabalhadores da pesca**. IN: DIEGUES, A. C. (Org.) **A imagem das águas**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

SOBRINHO, S. **Relatórios anuais da FASE Programa Amazônia/Pará**. Belém, Federação de órgãos para Assistência Social e Educacional, 2005.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1972.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/UFPA. **Estudo das mudanças socioambientais no estuário amazônico**. Relatório Projeto MEGAM. Belém: NAEA, 2004.